

(X) Graduação () Pós-Graduação

PENSAR A EDUCAÇÃO COM A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE: construção de instrumento metodológico para um inventário do(a)s artistas e artesã(o)s de Naviraí/MS

Daiane Crepaldi Pereira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Naviraí
daiane.crepaldi@ufms.br

Erika Natacha Fernandes de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Naviraí
erika.andrade@ufms.br

RESUMO

Este texto está vinculado às investigações do Grupo de Pesquisa Discursos e Práticas Poéticas na Educação (UFMS/CNPq) e tem como objetivos apresentar uma pesquisa que buscou visibilizar em que medida Naviraí/MS possui registros, e elabora pensamentos, sobre a arte e a produção cultural da cidade, e proceder à construção de um questionário, passível de ser aplicado junto a diferentes públicos-alvo, com vistas a identificar pessoas e grupos que lidam com arte, movimentos culturais e artesanato em Naviraí/MS. A metodologia da pesquisa abarcou uma etapa de estudos bibliográficos e uma etapa voltada para a construção do questionário, enquanto importante instrumento de pesquisa social. As análises de livros que versam sobre a cidade de Naviraí, e uma conversa com servidoras da cultura no município, evidenciaram que não há registros consistentes sobre a arte, o artesanato e os artistas/artesãos da cidade; a memória de Naviraí é sustentada, majoritariamente, com base em narrativas sobre a colonização e sobre o crescimento agro-econômico do município. Para além da apresentação do questionário, os resultados da pesquisa reforçam a importância da valorização, e da visibilidade, da história e das produções artísticas e culturais de Naviraí/MS, inclusive para que se possa pensar fins, processos e organizações na educação.

Palavras-chave: Educação; Arte; Estética; Instrumento de pesquisa social; Cidade.

1 INTRODUÇÃO

Um dos objetivos do Grupo de Pesquisa “Discursos e práticas poéticas na educação” (UFMS/CNPq) consiste na teorização dos conceitos de experiência estética e de desenvolvimento sensível, criativo, artístico e poético das pessoas, partindo do estudo de obras e de narrativas sobre a vida e as ideias – estéticas e de mundo – de artistas. Consideramos que investigações que intercambiam os campos da arte e da educação podem contribuir para os debates sobre a qualidade estética do trabalho pedagógico realizado na educação e na educação social, em instituições escolares e não-escolares, bem como para o avanço nas discussões sobre a formação de professores e de educadores sociais.

As proposições de John Dewey se destacam na abordagem da formação sensível, artística e estética do ser humano, por considerarem que a percepção apurada da qualidade das coisas, a intuição, a imaginação, a formulação de propósitos éticos, políticos e poéticos, assim como a capacidade criativa, não são dons inatos. Para Dewey (2010, p. 581), “a arte é o órgão incomparável da instrução”, pois, viabilizando a comunicação e a expressão em perspectivas abertas, múltiplas e em contraste com as condições existentes – isto é, sem didatizações e juízos prontos –, a arte também postula que o pensamento pode ser usado imaginativamente para elaborar “significados que transcendem os hábitos arraigados”, dando vida a “propósitos que vão além das evidências”.

Por isso, segundo o filósofo norteamericano, o pensamento filosófico e a educação podem aprender com o modo de pensar, de proceder metodologicamente, e de imaginar dos artistas, os quais lidam ritmicamente com o passado e o presente, o velho e o novo, o cultural e o natural, com a identificação de temas ainda não tratados em seus tempos e com a criação de formas inéditas e adequadas para tratar as temáticas que lhes são contemporâneas; são experiências embebidas de qualidade estética, com poder para transformar as coisas e a vida, ao mesmo tempo em que ocorre a clarificação e a criação de fins, meios e ideias que a realidade (até mesmo a científica) ainda não consegue identificar objetivamente (DEWEY, 2010).

Os estudos de Lampert (2016) e Siqueira (2017) corroboram a riqueza das produções estéticas, memorialísticas e, também, teóricas de artistas, que podem ser assumidas como fontes para tratar as relações entre a educação e a arte, entre o pensamento criativo e a formação das subjetividades, entre as experiências com qualidades estéticas e as mudanças pessoais/sociais. Por meio de textos, descrições de processos criativos, desenhos, esboços etc., os artistas elaboram “[...] filosofias e pedagogias da arte, tratando a educação que promove experiências

estéticas intensas, que contribui para a formação do artista e/ou do ser humano com pensamento libertário” (COFFACCI; ANDRADE, 2019, p. 2).

Loponte (2017) diz ser possível potencializar a formação dos professores – e, aqui, incluímos também o desenvolvimento profissional dos educadores sociais – envolvendo-os em experiências estéticas que viabilizam conhecimentos e debates sobre os processos de criação, sobre as visões de mundo, os posicionamentos político-sociais, e as escolhas poéticas e/ou formais dos artistas. Loponte (2017, p. 442) defende a promoção de uma “docência artista”, em que as relações e os pensamentos sejam flexíveis e criativos, possibilitando mais e melhores condições para que os profissionais da educação repensem o grande espaço narrativo que é a escola.

Oliveira e Andrade (2020) corroboram a impossibilidade de separar a arte da formação consciente da pessoa, dos profissionais da educação, bem como das orientações do trabalho pedagógico, pois em meio às vivências com a arte os sujeitos – crianças e profissionais – adquirem mais condições para reorganizar a sensibilidade, para transformar continuamente o psiquismo, para superar a realidade e, enfim, para (re)criar a vida pela imaginação e pela atividade no meio social. Conforme Andrade e Santana (2020, p. 5), as práticas pedagógicas podem ser qualificadas como estéticas quando, promovendo a problematização e a comunicação a partir das obras e das contextualizações dos artistas, garantem condições para que as individualidades não sejam silenciadas, mas “incentivadas a explicitar paixões, além de auxiliadas no processo de (re)criação dos saberes, das necessidades e dos propósitos” em planos pessoais e sociais.

Andrade e Coffacci (2022, p. 12) analisaram o discurso de Miró sobre a criação e mostram que “a chave do discurso mironiano consiste em explicitar a qualidade dialógica do processo criativo, contrariando a noção comum de que o artista comanda todo o percurso”; o artista dialoga com seres, matérias, instrumentos, formas etc., atentando-se para as respostas inesperadas que os seres, os instrumentos e os elementos apresentam às suas ações, aventurando-se subsequentemente em mais problematizações, mais dialogia e mais investigações. Desse modo, o universo mironiano mostra que a criação é indeterminada, “justamente porque é impossível saber de antemão o resultado da comunicação estabelecida com as (os) coisas/seres; o diálogo se ancora em saberes e estados existentes, mas também apresenta o inesperado, rompendo com o *status quo*” (ANDRADE; COFFACCI, 2022, p. 12).

Miró ainda nos ensina que “saber criar em meio a encontros dialógicos, envolvendo-se em problematizações e investigações, é uma capacidade que não decorre de virtuosismo”, e, por isso, “a capacidade criativa do artista – e aqui podemos pensar no professor que é artista –

advém da formação, do estudo, da sensibilização que impulsiona a luta, da disciplina em prol da manutenção do estado mental indagador e investigativo” (ANDRADE; COFFACCI, 2022, p. 17). O acesso à arte torna-se imprescindível para a formação do professor e do educador social, transformando o repertório cultural dos profissionais, alargando suas sensibilidades, possibilitando-lhes vivências interpessoais de acolhimento, inserindo-os em processos comunicacionais e dialógicos que comportam a multiplicidade e que facultam a escuta profunda, atenta e respeitosa, a transgressão dos ideais hegemônicos e, enfim, a criação de condutas que refletem criticamente sobre as orientações advindas dos gestores e das políticas educacionais; assim, os profissionais da educação podem chegar à criação de novos modos de pensar e de agir (ANDRADE; COFFACCI, 2022).

Como propiciar aos professores uma formação voltada à atuação pedagógico-artística? Miró (1990) fornece algumas sugestões: o acesso a experiências estéticas e o oferecimento de possibilidades de enriquecimento cultural por meio de diversas linguagens – a literatura, a música, as artes visuais e tantas outras formas artísticas; a vivência sensível com os formadores, exemplos vivos de acolhimento, de encontro com o mundo, de trocas dialógicas, que auxiliam os profissionais a coordenarem suas vontades, energias e estudos, para que adquiram novas capacidades; o envolvimento com a problematização e com ações investigativas no interior de processos temporais alargados e não fixados a priori, uma vez que o diálogo regula o processo de criação das ações subsequentes e acrescenta circunstâncias fortuitas que demandam mais reflexões e cuidados específicos (ANDRADE; COFFACCI, 2022, p. 17).

Pare e Andrade (2019) se voltam, em suas pesquisas, para o pensamento de Paul Klee e mostram que as narrativas memorialísticas e as obras teóricas do artista suíço publicizam que os humanos – quer crianças, jovens, artistas ou profissionais de outras áreas – são constantemente impactados por diferentes paixões, e, desse modo, seus processos de subjetivação são contínuos, nunca fixados e finitos, implicando o movimento e a contradição. Klee, abordando a sua infância, nos ajuda a pensar as infâncias e as crianças na atualidade como gerações e sujeitos que não vivem trajetórias lineares, pois vêm e sentem o mundo de modos múltiplos, estabelecendo relacionamentos e engendrando ações por meio de afetos também variados e até opostos; as experiências das crianças – incluindo as suas respostas ao mundo – de cooperação, mas também (talvez, sobretudo) de indignação, de brincadeira, de transgressão, de questionamento, de ruptura etc., nos mostram que viver e refletir diferentes paixões não é ruim, mas uma experiência positiva “porque enriquece o pensamento, que explora caminhos imprevisíveis, contribuindo para uma formação humana mais tolerante e até mais segura de si” (PARE; ANDRADE, 2019, p. 6).

O texto do artista [...] explicita de que tipo são as experiências que o tocaram e marcaram sua memória, que o possibilitaram sentir e perceber mais a vida,

propiciando mais conhecimentos sobre a cultura e sobre o si mesmo: brincadeiras, jogos, histórias, músicas, desenhos, livros, passeios, viagens, além de relacionamentos e momentos/instantes, com maior ou menor duração, porém ricos por suscitarem a elaboração de afetos e sentidos variados. Nessas situações não há dicotomias entre as paixões e a aprendizagem, mas uma relação dialética cuja síntese é, para além da detenção de saberes, a emancipação do sujeito que toma consciência de seus poderes, das condições e das possibilidades de sua existência, que tem segurança e autogovernança, e que projeta futuros poéticos (PARE; ANDRADE, 2019, p. 6-7).

Klee nos ajuda a pensar a educação, as práticas pedagógicas, e a formação dos professores e educadores sociais, na medida em que valoriza o acesso dos seres humanos à cultura, ao conhecimento e às experiências artísticas e estéticas, e, igualmente, conforme apresenta uma concepção de ser humano formado pelo embate dialético entre as forças internas (paixões, inquietações e problematizações) e as coordenações advindas do pensamento, empreendido tanto pela mediação do meio cultural quanto pelos diálogos que a pessoa trava consigo mesma (PARE; ANDRADE, 2019). Klee nos incita perceber que, na formação do artista – e, igualmente, recontextualizando e transpondo seus posicionamentos para a educação que ocorre nos espaços escolares e não escolares –, “o erro, o medo, a insegurança, a incerteza, o estranho, o diferente, o singular etc., não são desprezíveis, mas aprazíveis e benévolos, pois impulsionam a problematização e, conseqüentemente, o desenvolvimento pessoal e a criação” (PARE; ANDRADE, 2019, p. 12)

A formação do ser humano criativo não pode prescindir das experiências estéticas, dos acessos culturais e da apropriação dos saberes; no entanto, a formação humana para a existência autoral e fortalecida também não pode se afastar do problema, do erro, da diferença, e de tudo que parece fugir das normas hegemônicas, pois os trajetos imprevistos incitam o pensamento reflexivo. Os conteúdos escolares são importantes, mas é igualmente necessário ensinar o educando a elaborar consensos internos, inclusive para guiar os rumos das próprias produções. No processo educativo é preciso almejar o ser humano ampliado [...] (PARE; ANDRADE, 2019, p. 12).

Carvalho e Andrade (2022, p. 67) dialogam com o *poetry slam*, “uma batalha de poesia falada, em que o(a/e)s artistas performam poesias autorais em um tempo pré-estipulado (em geral três minutos)”, e ressaltam que “os *slams* brasileiros têm se voltado para a denúncia de questões referentes ao racismo, ao machismo, à transfobia, à gordofobia, à lesbofobia, dentre outras pautas importantes” (CARVALHO; ANDRADE, 2022, p. 68). As pesquisadoras mostram que no *poetry slam* há a produção de *afectos* e *perceptos* – isto é, de sensíveis que são como projéteis lançados em velocidades absolutas, vizilizando forças encobertas –, cuja finalidade é a de levar “o(a/e)s artistas e o(a/e)s espectador(a)s ao encontro com categorias possíveis, com novas figuras estéticas, que extrapolam (ou transcendem) o que é vivido e

designado de tal maneira na realidade objetiva”, e que “têm força para impactar o mundo e os processos de subjetivação” (CARVALHO; ANDRADE, 2022, p. 69-70).

O *slam* cria forças (sensibilidades e pensamentos) “que desterritorializam as formas de educação/formação social vigentes, apontando novas possibilidades de aprendizado inclusive no campo da educação escolar” (CARVALHO; ANDRADE, 2022, p. 74). Analisando, em específico, as contribuições do *slam* para pensar a educação infantil, Carvalho e Andrade (2022, p. 75) afirmam que os slammers chamam a nossa atenção “para o encontro com a multiplicidade e com as temáticas que tocam a vida de outras pessoas”, como “as necessidades que são caras às crianças negras, ribeirinhas, pertencentes às camadas populares, com necessidades especiais etc.”. Com o *slam* podemos pensar em que medida profissionais da educação infantil estão atentos às manifestações estéticas e políticas que compõem a sala de aula, a escola e o entorno; podemos problematizar, também, a “qualidade das propostas pedagógicas junto às crianças da Educação Infantil, isto é, seus potenciais, para ajudá-las a elaborar percursos de exploração, a criar sentidos múltiplos e que dialoguem com necessidades coletivas” (CARVALHO; ANDRADE, 2022, p. 75).

Para as autoras, as práticas e a vida na arte do *slam* nos fazem pensar e experienciar, enfim, sobre perspectivas de educação social e escolar contrárias ao adultocentrismo, aos ideais hegemônicos neoliberais e às lógicas da representatividade e da ordenação, ajudando-nos a compreender que há caminhos mais sensíveis de estar junto às crianças, que nos permitem ver a beleza das manifestações e das performances dos bem pequenos; é em meio ao exercício político de escuta, de olhar, de respeito, de acolhimento, de avizinhamo profundo com as necessidades de outras pessoas (das próprias crianças, das famílias, dos artistas, e dos demais profissionais e/ou agentes da comunidade) que as crianças e os profissionais apenderão – tal como é aprendido no *slam* – “a explorar o plano do sensível, a construir agenciamentos e a criar sentidos que tocam o comum” (CARVALHO; ANDRADE, 2022, p. 80).

Continuando nossas reflexões sobre a Educação Infantil, é preciso garantir espaço para as manifestações das crianças. Enquanto profissionais da educação, podemos contribuir para amplificar suas manifestações e suas performances, as quais poderão invadir outros espaços sociais. É no próprio exercício político com os pares (professore(a/e)s, famílias, artistas, e demais profissionais e/ou agentes da comunidade) que as crianças aprenderão – tal como é aprendido no *slam* – a explorar o plano do sensível, a construir agenciamentos e a criar sentidos que tocam o comum (CARVALHO; ANDRADE, 2022, p. 80).

A retomada da literatura que vem sendo produzida sobre o potencial da arte, das produções artísticas e dos processos estético-criativos para a construção de fundamentos (em um sentido falibilista) para a educação – potencial de pesquisa o qual, inclusive, é recente,

inovador e ainda com muita possibilidade para explorações e investigações futuras –, remete à importância política e formativa do diálogo com as experiências artísticas, criativas e sociais dos artistas/artesãos de épocas passadas, e, também, da atualidade; esse é um movimento dialógico que se torna essencial para que a arte e as produções culturais estejam presentes nos contextos educacionais e nos processos de formação dos professores/educadores sociais, contribuindo, principalmente, para a criação de saberes e de modos de pensar e agir que possibilitam a invenção de escolas significativas, justas, poéticas e disruptivas no que tange ao senso comum e aos ideais mercadológicos.

O presente texto tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa que partiu das seguintes indagações: (i) há cadastro de artistas, artesãos e grupos culturais na secretaria de cultura de Naviraí/MS?; (ii) há registro histórico, memorialístico, das produções culturais e artísticas oportunizadas no município de Naviraí/MS, ou, ainda, há relatos publicizados sobre o trabalho dos artistas, artesãos ou grupos culturais da cidade? Essas são questões importantes, pois, nos lançam diante à possibilidade de encontros (pessoais ou via registros literários) com os artistas, artesãos e grupos culturais e da tradição popular da cidade, de modo que possamos saber quem essas pessoas e coletivos, quantos são, quais são as suas especificidades (linguagem, forma de arte, contexto de atuação, abrangência, poética, etc.) e quais são as suas inserções sociais (trabalham em comunidades; trabalham na educação; atuam para a preservação da cultura local/regional, recebem apoio financeiro de projetos/políticas públicas etc.).

Esses dados, se (ou quando) clarificados, trarão riqueza imensurável para a educação, pois poderemos aprender com os escritos, com as produções, com as ideias, com as poéticas, com as estéticas, com as lutas e com as defesas dos artistas locais; poderemos democratizar o acesso à arte e à cultura naviraiense, e, sobretudo, poderemos pesquisar as contribuições da arte e dos artistas/artesãos da cidade para que possamos – à exemplo das pesquisas relatadas – debater e acordar princípios voltados para a tessitura de uma educação de qualidade, que se responsabiliza com a garantia de direitos, com a formação estética de seus profissionais e com a educação de subjetividades autorais, criativas e fortalecidas.

O objetivo geral deste texto remete, portanto, à apresentação de uma pesquisa que buscou visibilizar em que medida Naviraí/MS possui registros, e elabora pensamentos, sobre a arte e a produção cultural da cidade, e que também procedeu à construção de um questionário, passível de ser aplicado junto a diferentes públicos-alvo, com vistas a identificar pessoas e grupos que lidam com arte, movimentos culturais e artesanato em Naviraí/MS.

O presente artigo foi organizado em quatro seções, iniciando com esta introdução que já traz revisões da literatura. Na sequência, descrevemos os procedimentos metodológicos da

pesquisa que contou com uma etapa bibliográfica e outra voltada para a construção de um questionário enquanto instrumento de pesquisa social. A terceira seção é dedicada à análises de livros que versam sobre a cidade de Naviraí, e cujas narrativas evidenciam que não há registros consistentes – ou oficiais – sobre a arte, o artesanato e os artistas/artesãos da cidade; verifica-se que a memória de Naviraí é sustentada, majoritariamente, com base em narrativas sobre a colonização e sobre o crescimento agro-econômico do município. Na quarta seção apresentamos o questionário construído, com vistas à aplicação futura; mediante os dados do questionário, os artistas, artesãos e grupos culturais e da tradição popular da cidade poderão ser contatados, entrevistados e conhecidos, facultando a elaboração de um inventário municipal. A conclusão da pesquisa, para além da confecção do questionário, reforça a importância da valorização da história artística e cultural das cidades, inclusive para que se possa pensar fins, processos e organizações na educação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa foi uma pesquisa qualitativa, que almejou investigações para visibilizar em que medida a cidade de Naviraí/MS possui registros, e constrói pensamentos, sobre a arte e a produção cultural da cidade, e que, também, buscou a construção de um questionário a ser aplicado em pesquisas futuras, visando a constituição de um inventário de artistas, artesãos e grupos artísticos atuantes no município de Naviraí/MS.

A primeira etapa da pesquisa foi bibliográfica; foi realizada a leitura e o fichamento das seguintes obras: *Naviraí, 50 anos construindo sonhos* (MESSIAS, 2013), *Um lugar chamado Naviraí* (GARCIA, 2016) e *Cinquentenário de Naviraí em poesias, versos, contos e crônicas* (ASSOCIAÇÃO NAVIRAIENSE DOS POETAS ESCRITORES, 2013). O processo de leitura e de análise buscou: (i) identificar se há narrativas sobre a produção artística e cultural de Naviraí; (ii) identificar se há dados e narrativas sobre os artistas, artesãos e grupos culturais de Naviraí; (iii) identificar o que é valorizado nas narrativas memorialísticas da cidade. Essa primeira etapa da pesquisa ainda contou com uma conversa presencial com servidoras do município de Naviraí que têm atuação no órgão de cultura da cidade; na ocasião da referida conversa (em março de 2022), foi informado que o município não tem um cadastro dos artistas, artesãos e grupos culturais locais, mas que profissionais estavam criando – inclusive com a parceria de setores de tecnologia – um meio digital (um *link* a ser postado no portal da prefeitura), de modo que a população de artistas, artesãos e demais agentes promotores da cultura pudessem realizar o seu cadastro, inserindo documentações e portfólios.

A segunda etapa do estudo voltou-se para a construção de um instrumento metodológico de pesquisa, no caso um questionário. Segundo Gil (2019), o questionário é uma técnica padronizada de coleta de dados – bastante utilizada em investigações com finalidade exploratória e, principalmente, descritiva –, cujo propósito é o de obter informações que serão tratadas com mais meticulosidade em estudos posteriores; no caso da presente pesquisa, em específico, buscou-se a construção de um questionário passível de ser aplicado em diferentes públicos-alvo (professores/gestores da educação básica e do ensino superior, população jovem/estudantes do ensino médio e EJA, representantes de associações comunitárias e trabalhadores da indústria e do comércio), para que possam indicar: (i) o que a cidade promove para a população em termos de acesso a produções artísticas e culturais; (ii) com qual frequência, em que situações (ou períodos), a arte é veiculada na cidade, e, ainda, quais são as manifestações e grupos artísticos escolhidos para a população; (iii) nomes de artistas, ou grupos artísticos e culturais, que atuam nas artes visuais, literatura, dança, música, teatro, manifestações populares e/ou da tradição, movimentos culturais periféricos etc., em Naviraí.

Conforme Gil (2019, p. 137), a elaboração de um questionário “consiste basicamente em traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas”, sendo que “as respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada” ou, ainda, “testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa”; a construção do questionário “pode parecer tarefa simples”, contudo “requer muito mais do que simples bom senso e habilidades de redação”.

Um bom questionário é quase sempre produto de um longo e exaustivo trabalho. É preciso garantir que as pessoas se sintam motivadas para responder ao que é solicitado. Que entendam as questões que estão sendo propostas. Que não se sintam constrangidas ou ameaçadas ao respondê-las. Para tanto é necessário que o questionário seja elaborado com competência (GIL, 2019, p. 137).

Na pesquisa proposta, o processo de construção do questionário envolveu: (i) estudo de artigos abordando a trajetória do desenvolvimento de artistas, bem como de seus processos de pensamento e de criação, e cujas discussões ajudam nas teorizações sobre a educação com qualidade estética; (ii) conversas com servidores da gerência de educação e cultura de Naviraí/MS, visando entender se há um cadastro/inventário municipal com objetivo principal de mapear, e conhecer as especificidades, de artistas e grupos artísticos atuantes localmente; (iii) definições de variáveis (sempre na relação com o objetivo da pesquisa), visando a construção do questionário; (iv) familiarizações com as formas de expressão dos públicos-alvo;

(v) definições acerca das formas e dos conteúdos das questões; (vi) estruturação do questionário; e (vii) finalização e apresentação do questionário (para pré-teste e aplicações).

A elaboração do questionário – isto é, do instrumento tecnológico de pesquisa proposto e apresentado neste texto – contribuirá diretamente para os trabalhos do Grupo de Pesquisa Discursos e Práticas Poéticas na Educação (CNPq/UFMS), especialmente para a linha de pesquisa voltada para a análise do discurso de artistas e de filósofos que abordam a experiência estética, fomentando debates no campo da educação. Estudos futuros poderão dar continuidade à pesquisa ora finalizada, cogitando: (i) a aplicação do questionário; (ii) a identificação de artistas, artesãos e grupos artísticos/culturais/da tradição popular atuantes no município de Naviraí; (iii) a realização de entrevistas com artistas e pessoas que lidam – de algum modo – com a arte, entendendo que suas trajetórias, suas experiências, seus processos criativos etc., podem nos ajudar a pensar pressupostos e propostas teórico-práticas na educação escolar e não escolar.

Os dados do questionário, quando for aplicado, também poderão ser úteis para os trabalhos e projetos da Gerência de Educação e Cultura de Naviraí/MS (GEMED-prefeitura de Naviraí), seja para a elaboração de um cadastro municipal, possibilitando, inclusive, a identificação de formas de arte elaboradas pelas minorias, ou em contextos periféricos da cidade, ou seja para a formulação de políticas públicas voltadas para a democratização da arte e da cultura no município.

3 LITERATURAS QUE NARRAM A CIDADE DE NAVIRAÍ/MS: O QUE SE DIZ SOBRE A ARTE, O ARTESANATO E OS ARTISTAS LOCAIS?

A obra *Um lugar chamado Naviraí* (GARCIA, 2016) tem como objetivo narrar a história da cidade Naviraí; a organização do livro conta com uma parte introdutória cujo objetivo é descrever o processo de constituição do município; a segunda parte da obra é dedicada à apresentação dos nomes e dos feitos dos prefeitos e vice-prefeitos que assumiram a gestão no período de 1965 a 2013.

De acordo com Garcia (2016), Naviraí era, inicialmente, chamada de Gleba Bonito e, até 1950, constituía tão somente uma densa floresta de mata fechada. O município foi projetado urbanisticamente pela Colonizadora Vera Cruz Mato Grosso Ltda., e idealizada por Ariosto D’A Riva, que tinha o objetivo de transformar a mata fechada em um grande polo de negócios. Embora Garcia (2016, p. 26) enfatize que “na região já habitavam os índios Guaranis, e o solo Naviraense só era alcançado por vias fluviais”, o seu texto – exaltando perspectivas

colonialistas – não traz registros sobre as culturas dos povos indígenas. Com base em Dewey (2010, p. 553), defendemos que os locais de existência dos povos indígenas certamente abarcam (ou abarcavam) produções artísticas (ritos, pantomimas, danças, pinturas, artefatos, esculturas, mitos, cantos etc.), que não se dissociam da vida e das necessidades da comunidade, e que, enfim “são as fontes a partir das quais se desenvolvem todas as belas-artes”.

Portanto, sem registros sobre os indígenas que habitavam a região (ou melhor, sem trazer a voz dos próprios indígenas), Garcia (2016, p. 29) afirma que a cidade de Naviraí, que fora idealizada como um “produto”, tornou-se um grande atrativo de negócios para os investidores que se instalavam, desmatando e plantando. O projeto arquitetônico da cidade de Naviraí foi feito com intuito de assemelhar-se com a capital mineira, e o seu planejamento foi inspirado em Paris e Washington (GARCIA, 2016, p.17). Garcia (2016, p. 39) também aponta que a urbanização da cidade de Naviraí formou-se em torno de três fases econômicas: “fase da extração de madeiras e produção agrícola, fase do grande ciclo da madeira e modernização da agricultura, e a fase da agroindústria e a prestação de serviço” (GARCIA, 2016, p. 39). Com isso, segundo Garcia (2016), Naviraí deixa de ser apenas uma densa floresta e torna-se próspera, um grande polo de desenvolvimento agro-econômico.

Essa situação tomou forma entre os anos de 1960 a 1970 e Naviraí tornou-se um atrativo para todas as pessoas que se estabeleciam desmatando e plantando as lavouras e comerciantes que viam oportunidades de montar negócios baseando-se na grande quantidade de matérias-primas para venda (GARCIA, 2016, p. 29).

Ao abordar as atuações dos gestores municipais de Naviraí, Garcia (2016) cita as suas contribuições para o desenvolvimento agro-econômico da cidade e, também, as suas atuações em feitos sociais relacionados à construção de escolas (inclusive creches), praças, postos de saúde, hospital, delegacias, ruas e avenidas. No campo específico da cultura encontram-se apenas dois registros: a promoção de eventos como: “a cidade canta o natal” e o “*réveillon* popular” (GARCIA, 2016, p. 129).

Na obra *Naviraí, 50 anos construindo sonhos* (MESSIAS, 2013), estudantes de escolas públicas e particulares homenageiam a cidade de Naviraí por seus 50 anos. O livro é uma produção literária – importante de ser considerada em sua finalidade artística –, com diferentes gêneros textuais, contos, poesias, narrativas, entrevistas etc., homenageando a cidade em seu cinquentenário. No que tange ao conteúdo dos escritos, a grande maioria dos entrevistados e das produções literárias abordam a cidade próspera e progressista que Naviraí se tornou, aclamando as realizações das pessoas (geralmente homens) consideradas pioneiras e desbravadoras (MESSIAS, 2013). De modo mais genuíno e poético – e, também, transgredindo

em alguma medida os valores do sistema econômico e colonialista –, há textos e poesias que trazem a graça encantadora das ruas e das avenidas da cidade com seus ipês floridos, o balneário municipal Paraíso da águas, o parque Sucupira, o bosque municipal, que tem flora e fauna diversificada, e as belezas dos monumentos das entradas da cidade, com esculturas de tucanos e de araras. Apesar de essa ser uma obra que traz literatura, e que se abre para a natureza – que também faculta a construção humana de relações estéticas e artísticas –, não há citações sobre a arte, a cultura, os artistas, os grupos artísticos, culturais e desportivos, os fazeres dos povos tradicionais de Naviraí/MS.

O livro *Cinquentenário de Naviraí em poesias, versos, contos e crônicas* (ASSOCIAÇÃO NAVIRAIENSE DOS POETAS ESCRITORES, 2013) também é uma obra com objetivos literários; nela encontra-se uma coletânea em versos e prosas, além de contos e crônicas originais, de autores naviraienses. Os textos abarcam temas, sentimentos e sentidos que pautam a vida humana – e que são importantes de serem compartilhados – como religiosidade, família, trânsito, pais, vocação, violência, amor, pantanal, mulher, tempo, saudade etc.; entretanto, novamente, não há menções às danças, capoeiras, teatros, desenhos, pinturas, esculturas, artes urbanas, produções da tradição popular, que são produzidos e vividos na cidade, inclusive pelos povos indígenas e comunidades rurais. Chama a atenção a colocação de Cícero dos Santos de que, “nos 50 anos de progresso” da cidade de Naviraí, fica a “demonstração viva de que o trabalho, acima de tudo, é o lema principal de seus habitantes” (ASSOCIAÇÃO NAVIRAIENSE DOS POETAS ESCRITORES, 2013, p. 17). Concordamos que o trabalho constitui a humanidade, os coletivos e as subjetividades, mas é sempre bom lembrar que o trabalho adquire as suas possibilidades máximas – de libertação, de transformação, de poetização de mundos melhores – quando também possibilita a apreciação, o deleite, a democratização da cultura, o alargamento da sensibilidade, a imaginação e a criação, viabilizando (impulsionando), ao fim, tessituras artísticas (DEWEY, 2010).

No mês de março de 2022 foi realizada uma conversa – presencial – com servidoras e colaboradoras atuantes, em alguma medida, na/com a secretaria de cultura no município de Naviraí/MS; em meio a uma troca sincera, aberta e transparente, as profissionais relataram que, realmente, a cidade de Naviraí/MS não tem um inventário (cadastro) de seus artistas, artesãos e grupos culturais, mas que estavam realizando um trabalho, inclusive junto a setores de tecnologia do município, para criar uma forma de viabilizar um meio digital (um *link*), por meio do qual os artistas e artesãos poderão realizar os próprios cadastros, informando documentações e apresentando portfólios; as profissionais também relataram que esse trabalho da prefeitura seria enriquecido com a aplicação do questionário que formularíamos, remetendo à importância

da continuidade desta pesquisa.

Na referida conversa ainda foi explicitado que a cidade não tem registros de sua história artístico-cultural, dos seus artistas, nem mesmo da história e da autoria de seus monumentos (por exemplo, dos monumentos com esculturas de pássaros que ficam em entradas da cidade). Em uma busca rápida no *site* da prefeitura municipal de Naviraí/MS, realizada em setembro de 2022, não foi encontrado o *link* que poderá viabilizar o início de um cadastro de artistas, artesãos e grupos culturais no município (presume-se que a produção de tal meio digital ainda está em processo); todavia, é possível notar algumas notícias sobre ações culturais na cidade: feira de artesanato, apresentação da banda marcial Tom Jobim e projeto realizado na biblioteca municipal Dom Aquino.

As reflexões e discussões que tecemos são de que não há registros consistentes sobre a arte, o artesanato, os grupos culturais e da tradição popular, os artistas/artesãos da cidade de Naviraí/MS; a memória de Naviraí é sustentada, majoritariamente, com base em narrativas sobre o colonialismo e sobre o crescimento agro-econômico do município.

Com Dewey (2010, p. 585), entendemos que “a arte é uma forma de previsão que não se encontra em gráficos e estatísticas, e que insinua possibilidades de relações humanas não encontradas nas regras e preceitos, na admoestação e na administração”. A arte fala com a (e sobre a) humanidade, problematizando-a, construindo-a de maneiras impensadas, impulsionando-nos a praticar atos que geram o pensamento imaginativo, poético e transformador. Entendemos, assim, que a arte precisa ter *lôcus* histórico e vivencial privilegiado nos municípios, devendo ser um poder reconhecido em prol da criação de novas dinâmicas na sociedade, inclusive de novas (e melhores) propostas educacionais e de formação dos sujeitos.

Como a arte é totalmente inocente de ideias derivadas do louvor e da censura, ela é vista com um olhar de suspeita pelos guardiões dos costumes, ou, então, apenas a arte que é em si tão velha e “clássica” a ponto de receber louvores convencionais é admitida a contragosto, desde que, como no caso de Shakespeare, digamos, seja possível extrair engenhosamente do trabalho do artista sinais de consideração pela moral convencional. Mas essa indiferença ao louvor e à censura, graças à experiência imaginativa, constitui o cerne do poder moral da arte (DEWEY, 2010, p. 584).

4 QUESTIONÁRIO PARA A CONSTITUIÇÃO DE UM INVENTÁRIO DE ARTISTAS, ARTESÃOS E GRUPOS ARTÍSTICOS ATUANTES NO MUNICÍPIO DE NAVIRAÍ/MS

O questionário foi construído pela utilização do aplicativo *Google Forms*; foram elaborados um cabeçalho, para a apresentação do título da pesquisa e dos objetivos pretendidos com o instrumento metodológico, e um total de doze perguntas; o questionário é anônimo e os

dados requeridos, devido à generalidade das respostas, não implicam a identificação dos participantes. O primeiro conjunto de questões, conforme consta na Figura 1, busca conhecer a idade, a escolaridade, o tempo de residência em Naviraí e as atividades estudantis e/ou profissionais dos respondentes; são três questões de múltipla escolha, cabendo apenas uma resposta, e uma quarta questão do tipo caixas de seleção, sendo possível assinalar mais de uma opção.

Figura 1: Idade, escolaridade e tempo de residência em Naviraí dos respondentes

1. 1) Qual é a sua faixa etária (faixa de idade)? *

Marcar apenas uma oval.

Até 18 anos

19 anos a 30 anos

30 anos a 40 anos

40 anos ou mais

2. 2) Há quanto tempo você reside em Naviraí? *

Marcar apenas uma oval.

1 a 2 anos

3 a 5 anos

5 a 10 anos

Mais de 10 anos

3. 3) Qual é a sua escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

Ensino Fundamental (primeiro ano ao nono ano)

Ensino Médio ou Tecnológico (cursando ou completo)

Ensino Superior incompleto

Ensino Superior completo

4. 4) Quais são as atividades estudantis e/ou profissionais que você realiza? (Você pode marcar mais de uma opção). *

Marque todas que se aplicam.

Estudante

Artista ou artesã(o)

Professor(a) no ensino básico

Professor(a) no ensino superior

Trabalhador(a) no comércio, na indústria, em cooperativas ou em empresas

Fonte: as autoras, 2022.

A questão de número cinco pretende entender a visão dos participantes sobre quais são as atividades artísticas e/ou culturais oferecidas para os moradores de Naviraí/MS: com qual frequência, em que situações e períodos do ano, a arte é veiculada na cidade, e, ainda, quais são as manifestações e grupos artísticos, culturais e da tradição popular a que a população tem acesso. Buscamos entender se a arte é trazida continuamente na cidade, ou apenas em períodos festivos. Buscamos indícios para pensar se são contratados artistas midiáticos (famosos nas

mídias) ou são oportunizados, na cidade, acessos a artistas e a linguagens artísticas que, inclusive, seguem na contramão do que é veiculado por uma indústria cultural para as massas, como óperas, corais, orquestras e outras formas de peças musicais, espetáculos teatrais, exposições de artes visuais (desenhos, pinturas, esculturas, performances, instalações, fotografias, vídeos, documentários, grafites etc.), espetáculos de danças, festivais literários, batalhas de *poetry slam* e demais artes urbanas etc. Ainda buscamos dados para entender se as festas, festivais e agendas culturais do município visibilizam o artesanato, assim como as manifestações artísticas, musicais e desportivas da tradição popular (especialmente as que são mais vividas em Mato Grosso do Sul): os siriris, os cururus, os repentes com viola de coxo, as capoeiras, as cirandas, as quadrilhas, os chamamés etc.

A sexta questão, por sua vez, tem por finalidade saber se o participante desenvolve alguma atividade artística, ou de artesanato, profissionalmente ou como amador. Ambas as questões, como mostra a Figura 2, são do tipo caixas de seleção, possibilitando a marcação de mais de uma opção.

Figura 2: Indicações dos respondentes sobre as atividades artísticas e/ou culturais oferecidas para os moradores de Naviraí/MS

5. **5) Quais são as atividades artísticas e/ou culturais oferecidas para os moradores de Naviraí-MS? ***
(Você pode marcar mais de uma opção).

Marque todas que se aplicam.

- Festivais ou apresentações musicais, ou de dança, em datas específicas e comemorativas (festa junina, aniversário da cidade, natal, ano novo, rodeio etc.).
- Festivais ou apresentações musicais, ou de dança, em outras épocas do ano e não apenas em datas comemorativas.
- Exposições, ou outras atividades, envolvendo as artes visuais (pintura, escultura, fotografia, cinema, instalação etc.).
- Festivais ou apresentações literárias e/ou de poesia.
- Festivais ou apresentações de teatro.
- Feiras e exposições de produções artísticas e de artesanatos.
- Festivais, ou outras atividades, voltadas para a arte de rua, ou urbana, desenvolvida no espaço público (movimentos artísticos como o grafite, o poetry slam, as batalhas de poesia, o hip hop etc.).
- Festivais, ou outras atividades, voltadas para as manifestações da tradição popular (os siriris, os cururus, os repentes com viola de coxo, as capoeiras, as cirandas, as quadrilhas, os chamamés etc.).

6. **6) Você desenvolve alguma atividade artística, ou de artesanato, profissionalmente ou como amador(a)? Você pode marcar mais de uma opção. ***

Marque todas que se aplicam.

- Não
- Sim, com música.
- Sim, com teatro.
- Sim, com literatura.
- Sim, com artes visuais.
- Sim, com arte urbana.
- Sim, com artesanato.
- Sim, com manifestações artísticas, musicais e/ou desportivas da tradição popular (exemplo: os siriris, os cururus, os repentes com viola de coxo, as capoeiras, as cirandas, as quadrilhas, os chamamés etc.).

Fonte: as autoras, 2022.

O último conjunto de perguntas – abrangendo as questões de sete a doze – são do tipo resposta curta, e o objetivo é pedir para o participante escrever se conhece (ou não) algum artista, artesão, ou participante de grupos voltados para a conservação/atualização de manifestações culturais e/ou da tradição popular, que seja residente e atuante em Naviraí/MS, indicando, inclusive, nomes de pessoas e/ou grupos. Conforme a Figura 3, cada questão se volta para uma linguagem ou fazer cultural: a música, a dança, o teatro, as artes visuais, as artes urbanas, o artesanato e as variadas manifestações culturais e da tradição popular brasileiras. Essas questões são importantes, pois, se obtivermos um número consistente de respostas positivas e indicativas, teremos boas possibilidades para contatar e conhecer os artistas, artesãos e grupos culturais da cidade; no caso de as respostas serem escassas, também teremos dados importantes que indicarão que precisamos criar outros meios para cadastrar as pessoas que trabalham com arte e artesanato no município, e, também, vislumbrar modos múltiplos de incentivar a prática artística e cultural junto às crianças, jovens e adultos de Naviraí/MS.

Figura 3. Indicações dos respondentes sobre artista, artesão, ou participante de grupos culturais atuantes em Naviraí/MS

7.	7) Você conhece algum(a) artista da música que reside em Naviraí? Se sim, indique o(s) nome(s).	*

8.	8) Você conhece algum(a) artista de artes visuais (desenho, pintura, escultura, instalação etc.) que reside em Naviraí? Se sim, indique o(s) nome(s).	*

9.	9) Você conhece algum(a) artista de teatro que reside em Naviraí? Se sim, indique o(s) nome(s).	*

10.	10) Você conhece algum(a) artista de literatura (escritor/a de contos, poesias, literatura infanto-juvenil etc.) que reside em Naviraí? Se sim, indique o(s) nome(s).	*

11.	11) Você conhece algum(a) artista de arte urbana que reside em Naviraí? Se sim, indique o(s) nome(s).	*

12.	12) Você conhece alguém que atua em manifestações culturais e/ou da tradição popular em Naviraí (exemplo: capoeira, ciranda, siriri, cururu, chamamé etc.)? Se sim, indique o(s) nome(s).	

Fonte: as autoras, 2022.

5 CONCLUSÕES

A conclusão da pesquisa, para além da construção do questionário enquanto instrumento de pesquisa social que nos possibilitará futuras aplicações e a continuidade de investigações, reforça a importância da valorização da história artística e cultural das cidades, inclusive para que se possa pensar fins, processos e organizações na educação.

Muitas vezes, seja na vida diária, na escola, na gestão da cidade, nos espaços de educação social etc., agimos mecanicamente sem perceber nuances, ou, ainda, “vemos sem sentir”, “ouvimos, mas apenas como um relato de segunda mão”, “tocamos, mas o contato permanece tangencial, porque não se funde com as qualidades dos sentidos que mergulham abaixo da superfície” (DEWEY, 2010, p. 87). Nesses casos, perdemos a oportunidade de usar os sentidos para despertar paixões, para vivenciar oscilações e dissonâncias internas, para perceber imprecisões na vida social e pessoal, para nos lançar, então, à identificação de necessidades antes não percebidas, de problematizações, de investigações e de criações de mundos diferentes e possíveis. A escola, a gestão, as políticas públicas, os espaços de educação social, a cidade, as comunidades tradicionais, podem (e devem) ser pensados a partir da ampliação – ou do aprofundamento e refinamento – dos contatos, dos olhares, das sensações, das percepções, das escutas, justamente para que novas intuições surjam, impulsionando-nos a criar novos modos de narrar, de agir e de projetar as instituições, as relações sociais, os lugares e os fazeres (em especial, os fazeres pedagógicos).

A arte e os artistas – incluindo as narrativas e os fazeres artísticos e culturais dos povos tradicionais, urbanos e/ou periféricos –, quando narrados e vividos esteticamente, quando apreciados e sentidos significativamente, quando historicizados, respeitados e promovidos, nos ensinam sobre a humanidade, clarificando que somos mais humanos quando temos coragem para nos encontrar com forças, energias, nuances e sentidos ainda não explorados nos grupos que circulamos, os quais nos são trazidos por outras pessoas, isto é, por artistas, por coletivos que conservam e atualizam o patrimônio cultural, por militantes de diferentes associações comunitárias etc. Na medida em que partilhamos, ou tornamos “nossos” os “diferentes sentidos” produzidos na multiplicidade de sujeitos e de experiências, podemos nos “unir”, “para contar uma história comum e ampliada” (DEWEY, 2010, p. 87). Tendo lugar na partilha das melhores produções humanas – inclusive nas produções que escapam aos ditames das indústrias culturais –, temos condições para sentir o que a outra pessoa de outra realidade sente; teremos, assim, mais condições de intuir (coisas inimagináveis) e de nos aventurar em problematizações

para entender a qualidade e a viabilidade das nossas intuições, buscando mudanças e transformações nos modos de pensar e de coordenar o meio (tal como fazem os artistas).

Defendemos a necessidade de mais pesquisas sobre a arte e a produção cultural de Naviraí/MS; defendemos a que as histórias dos artistas, dos artesãos, das produções culturais de Naviraí/MS sejam contadas e compartilhadas. A busca por (e a conversa com) pessoas, grupos e fazeres artísticos e culturais não hegemônicos – com características estéticas, poéticas e políticas que promovem fortalecimentos dos coletivos e dos processos de subjetivação –, podem ajudar os professores e os educadores sociais a adentrarem partilhas que lhes possibilitarão criações genuínas; no contato com a arte mundial, brasileira e local, os profissionais da educação têm mais chances para ver as experiências de outras maneiras, para ver e pensar a beleza que reside nas diferenças, e, ainda, para quererem habitar a escola de maneiras poéticas, construindo espaços educativos que ainda não existem mas podem ser criados na imaginação e pela ação das pessoas.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mediante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica e Tecnológica (Bolsa PIBIC).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. N. F.; COFFACCI, E. C. O discurso de Joan Miró sobre a criação: contribuições para a formação de professores. **Atos de pesquisa em educação**, v. 17, n. 1, p. 1-22, mar., 2022.

ANDRADE, E. N. F.; SANTANA, K. P. Experiência estética e expressividade na creche. **Revista Cocar**, v.14, n.29, maio-ago. p. 153-172, 2020.

ASSOCIAÇÃO NAVIRAIENSE DOS POETAS ESCRITORES. **Cinquentenário de Naviraí em poesias, versos, contos e crônicas**. Dourados, Siriema, 2013.

CARVALHO, M. M. P.; ANDRADE, E. N. F. O *Poetry Slam* e a poetização do trabalho pedagógico na educação infantil. In: NONO, M. A.; SOUZA, T. N. (Org.). **Pesquisas em educação infantil**. Porto Alegre: Fi, 2022, p. 61-87.

COFFACCI, E. C.; ANDRADE, E. N. F. de. A criação na formação do pedagogo. Por que estudar Joan Miró? In: Congresso de Educação do CPAN, Semana Integrada Graduação e Pós-Graduação do CPAN, 2019, Corumbá. **Anais [...]** Corumbá: UFMS, 2019. v. 1, p. 1-13. Disponível em: <https://bit.ly/2XIUrQs>.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes,

2010.

GARCIA, D. C. **Um lugar chamado Naviraí**. Dourados, Siriema, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2019.

LAMPERT, J. Sobre ser artista professor. In: LAMPERT, J. (org.). **Sobre ser artista professor**. Florianópolis: Udesc, 2016. p. 9-14.

LOPONTE, L. G. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 429-452, abr.-jun., 2017.

MESSIAS, M. L. **Naviraí, 50 anos construindo sonhos**. Naviraí: PSAF, 2013.

OLIVEIRA, M. F. B.; ANDRADE, E. N. F. A qualidade estética da vivência e a organização do trabalho pedagógico. In: MARTINS, B. A.; RÜCKERT, F. Q.; SANTOS, F. A. (Org.) **Temas e práticas em educação social no estado de mato grosso do sul**. Curitiba: CRV, ed. 1, p.135-152. 2020.

PARE, S. G.; ANDRADE, E. N. F. Experiências de Paul Klee: contribuições para a educação. In: Congresso de Educação do CPAN; Semana Integrada Graduação e Pós-Graduação do CPAN, 2019, Corumbá. **Anais [...]** Corumbá: UFMS, 2019. v. 1, p. 1-14. Disponível em: <https://bit.ly/2XIUrQs>.

SIQUEIRA, J. Os Escritos de Peciar: notas sobre arte e pedagogia no atelier do Mestre. **Revista Apotheke**, Florianópolis, ano 3, v. 6, n. 1, p. 166-189, jul. 2017.